

O USO DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: quais implicações para o ensino da leitura e da escrita?

Renata Adjaína Silva de Araujo¹

Alexsandro da Silva²

Eixo temático: 4. Alfabetização e Infância

Resumo: O presente trabalho apresenta alguns resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar os usos de um livro didático nas práticas de ensino de leitura e de escrita desenvolvidas por professoras que atuavam nos anos finais da Educação Infantil. O estudo foi realizado em uma rede pública municipal localizada na região agreste do estado de Pernambuco e, como procedimentos metodológicos, foram utilizados observações de aulas, questionários e análise documental das atividades propostas às crianças. Os dados produzidos por meio desses procedimentos foram submetidos à análise de conteúdo. Um dos resultados da pesquisa mostrou que, embora o livro didático tenha sido pouco utilizado na turma observada, as crianças realizaram intensivamente atividades sugeridas em outros suportes, como cadernos e fichas de atividades avulsas.

Palavras-chaves: Educação infantil; Livro didático; Leitura; Escrita.

Introdução

A adoção ou não de livros didáticos na Educação Infantil, conforme destacam Brandão e Silva (2017), é uma temática que exige reflexões cuidadosas por parte dos profissionais que atuam nessa etapa, pois, antes de tomar essa decisão (da adoção de materiais didáticos), é preciso levar em consideração algumas questões, tais como: a qualidade dos livros didáticos; as concepções de ensino e de aprendizagem apresentadas por esses materiais; as contribuições ou não desses recursos para a melhoria do trabalho pedagógico.

Recentemente, foi divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) o edital nº 02/2020 (BRASIL, 2020), que tem o como objetivo lançar processo de convocação e aquisição de

¹Mestra em Educação Contemporânea pela UFPE/CAA. Professora da rede municipal de ensino de Toritama – PE. Contato: renata_adjaina@hotmail.com

²Doutor em Educação pela UFPE. Professor associado da UFPE. Contato: alexsandro.silva2@ufpe.br

obras literárias, didáticas e pedagógicas do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e, como “novidade”, tal edital contempla a adoção, a partir de 2022, de livros didáticos destinados a crianças menores de seis anos, além de materiais de orientação para professores e gestores da Educação Infantil.

O referido edital e, sobretudo, a decisão de distribuição de livros didáticos para as crianças, por parte do MEC, têm sido objeto de muitas discussões e críticas entre educadores e estudiosos³, evidenciando, entre outros pontos, a preocupação de que a adesão a livros didáticos nessa etapa põe ofoco nos “conteúdos” em detrimento das interações e das brincadeiras.

Atualmente, as redes públicas de ensino que optam por utilizar recursos didáticos dessa natureza na Educação Infantil realizam, geralmente, compras de sistemas de ensino com apostilados escolares, coleções de livros didáticos ou programas educacionais.

Nessa direção, algumas pesquisas já apontaram que, nas salas de aula de Educação Infantil, é bastante comum o uso de livros didáticos, de materiais apostilados, de cadernos escolares e de outros recursos. Nesse contexto, podemos citar os estudos de Cabral (2013) e Silva, T. (2018), que, ao analisarem práticas de ensino de leitura e escrita de professoras atuantes nos anos finais da Educação Infantil, evidenciaram o uso constante de livros didáticos e de fichas de atividades nas rotinas das turmas observadas.

O estudo de Silva, C. (2018) investigou a qualidade das atividades voltadas à apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA) presentes nos apostilados de ensino escolar adotados por quatro redes de ensino do estado de Pernambuco, entre os anos de 2012 e 2016. Esse estudo demonstrou que todos os apostilados analisados foram insuficientes com relação à presença de atividades que tivessem o objetivo, por exemplo, de desenvolver a consciência fonológica. Além disso, a autora evidenciou que esses materiais apresentavam, em grande quantidade, atividades direcionadas à realização de treino perceptivo-motor.

Partindo dessas considerações e com a intenção de suscitar reflexões e discussões sobre o uso de livros didáticos e de outros recursos didáticos no contexto da Educação Infantil, apresentaremos parte dos dados de uma pesquisa que buscou investigar os usos de um livro didático na construção de práticas de ensino de leitura e escrita desenvolvidas por duas professoras que atuava no último ano da Educação Infantil .

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em uma rede pública municipal localizada na região agreste do estado de Pernambuco. Conforme ressaltado, apresentaremos aqui alguns dados de um estudo mais amplo e, para tanto, tomaremos por

³<http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/06/ABALF-VP.pdf>

base a discussão relativa aos recursos didáticos utilizados por uma das docentes participantes do estudo ao propor atividades de leitura e de escrita, especificamente com o uso do livro didático.

A professora em questão é formada em Pedagogia e, na época da produção dos dados, possuía 6 anos de experiência como docente na Educação Infantil. A turma observada em 2019 era composta por 29 crianças, com a faixa etária de 5 anos de idade.

No referido estudo, os procedimentos metodológicos utilizados para geração de dados foram: observação de dez dias de aulas, aplicação de questionário com a docente investigada e análise documental das atividades propostas às crianças. Os dados gerados a partir desses procedimentos foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

2 O ensino da leitura e da escrita e o uso do livro didático na Educação Infantil

Entendemos que discutir sobre práticas de ensino envolvendo a leitura e a escrita na Educação Infantil, não significa considerar que tais práticas devem ser descontextualizadas, mecânicas e pouco significativas para as crianças. Pelo contrário, defendemos, assim como Brandão e Leal (2010), Stemmer (2013), Soares (2018) e Araújo (2017), que, antes de tudo, é preciso compreender o que significa alfabetizar e letrar na Educação Infantil e também desmistificar algumas ideias “reducionistas do que significa ensinar” nessa etapa (ARAÚJO, 2017, p. 350).

Defendemos, assim como Brandão e Leal (2010), que não basta “estimular” a criança a refletir sobre o funcionamento do sistema de escrita, nem apenas “envolvê-la” em práticas sociais de leitura e escrita. Faz-se necessário também um planejamento das ações didáticas que contemplem tanto a ampliação das práticas de letramento das crianças, quanto reflexões sobre fenômenos linguísticos do processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

É válido reiterar nesse contexto também as ideias de Soares (1998), segundo a qual a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias, está rodeada de escritos e percebe sua função, já está inserida em práticas letradas. Ou seja, muito antes de aprender a ler e a escrever, a criança pode e deve ampliar, no contexto escolar, seus conhecimentos sobre os usos e as funções sociais da leitura e da escrita e as inúmeras possibilidades que elas permitem.

Com relação ao uso de livro didático na Educação Infantil, Brandão e Silva (2017) expõem que não há consenso sobre a pertinência da adoção desse recurso na Educação Infantil. Segundo os autores, os que não defendem o uso de livros didáticos na Educação Infantil argumentam que isso “diminuiria a possibilidade de tratar os temas de forma mais

contextualizada, partindo de interesses mais genuínos e particulares de um determinado grupo de crianças" (BRANDÃO; SILVA, 2017, p. 441). Outro argumento contrário à adoção de livros didáticos apontado pelos autores, seria o de que esse material geralmente propõe uma enorme quantidade de atividades a serem realizadas pelas crianças, o que pressupõe considerar a quantidade de tempo que elas passam sentadas fazendo tais atividades, o que pode contribuir para que o trabalho com os demais aspectos essenciais ao desenvolvimento da criança na Educação Infantil sejam comprometidos.

Assumindo a posição de que a adoção de livros didáticos na etapa da Educação Infantil não é indispensável, Brandão e Silva (2017) chamam atenção para o fato de que é preciso, antes de tudo, refletir e questionar sobre a qualidade desses recursos e as concepções de criança, de aprendizagem e de ensino que estão subjacentes a eles.

3 Resultados e Discussão

O livro didático adotado pela rede de ensino na qual a professora participante do estudo atuava era o "Aprender Construindo - Educação Infantil 3" (ACEI3), da editora IMEPH. Tal material, possuía 280 páginas e era organizado a partir nove unidades temáticas de trabalho, tendo o quantitativo de 225 propostas de atividades. Internamente, apresentava alguns ícones destinados a orientar a forma de realização das atividades (leitura, uso do lápis, recorte e colagem, tarefa de casa etc.) sugeridas ao longo das unidades temáticas. Destacamos que tais ícones eram sempre dispostos no início de cada atividade e identificados na parte inicial da obra.

Durante as observações das aulas na turma da professora, notamos que o livro didático ACEI3 foi utilizado em quatro dos dez dias de aula observados (4/10), sendo que em um dos dias(1/10) esse material foi utilizado para explorar conhecimentos relacionados à leitura e à escrita, enquanto nos outros dias (3/10) foi usado para propor atividades relativas a outras áreas do conhecimento, como matemática (2/10) e sociedade e natureza (1/10).

No que se refere aos demais recursos utilizados para explorar os conhecimentos relativos à leitura e à escrita, notamos que o quadro branco (6/10), as fichas de atividades coladas nos cadernos das crianças (2/10), as fichas de atividades avulsas (1/10) e as atividades escritas à mão pela docente nos cadernos das crianças (2/10) e a massinha de modelar (1/10) foram também utilizados durante as aulas observadas. Para uma melhor visualização dessa distribuição, apresentamos, a seguir, um quadro com frequência dos recursos didáticos utilizados nessa turma para realização de atividades de leitura e de escrita:

Quadro 1– Recursos didáticos utilizados para explorar conhecimentos relativos à leitura e à escrita

Recursos didáticos utilizados	Frequência
Livro didático	1/10
Massinha de modelar	1/10
Cadernos com fichas de atividades coladas	2/10
Cadernos com atividades escrita à mão pela professora	2/10
Fichas de atividades avulsas	1/10
Quadro branco	6/10

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com as informações do Quadro1, percebemos que, no geral, o livro didático foi utilizado em um único dia (1/10) para explorar os conhecimentos relativos à leitura e à escrita. Além disso, notamos que o uso de cadernos foi bastante significativo, tendo sido utilizado em quatro dias (4/10) para as atividades desse campo de conhecimento. Tais dados revelam que, para sugerir atividades de leitura e escrita, a docente utilizou mais os cadernos das crianças que o livro didático ACEI3.

Das atividades propostas tendo como suporte o livro didático, as crianças responderam duas atividades em sala de aula com a ajuda da professora e uma em casa. Já com os cadernos, as crianças realizaram um total de quatro atividades (duas delas foram escritas à mão pela docente e duas foram fichas de atividades fotocopiadas e coladas nos cadernos). A ficha de atividade avulsa foi utilizada em uma das aulas para propor uma atividade envolvendo ditado de palavras.

Notamos também que o tempo cronológico investido na realização das atividades pelas crianças com o uso do caderno (com fichas de atividades coladas e com atividades escritas à mão pela docente) e com a ficha de atividade avulsa variava de 28 a 48 minutos da aula. Já com o livro didático, o tempo investido para a realização das atividades de leitura e escrita pelas crianças correspondeu a 45 minutos. Nesse sentido, esses dados parecem revelar que, para além da frequência expressiva de atividades voltadas à exploração de conhecimentos relativos à leitura e à escrita tendo como suporte os cadernos, as crianças passavam bastante tempo da aula fazendo atividades com lápis e papel⁴.

Em linhas gerais, foi possível notar que, na turma da docente observada, o livro didático não constituía o principal elemento norteador na fabricação de suas práticas de ensino. Diante do que foi observado, é pertinente destacar que, ao desenvolver suas práticas de ensino, a docente utilizou pouco o livro didático e sugeriu atividades outras, incluindo as que foram “criadas” e escritas por ela nos cadernos das crianças. Nesse sentido, as crianças

⁴Nesse estudo, não consideramos as atividades relativas a outros campos de conhecimento, as quais também foram propostas pela docente durante as aulas observadas.

realizaram certa quantidade de atividades com lápis e papel, mesmo não tendo o livro didático como apoio. Vejamos a opinião da docente em relação ao livro didático ACEI3, que ela utilizava em sua turma:

“O livro, em suma, é um livro bom para atividades interpretativas, com o auxílio da professora ou de um adulto. Para o desenvolvimento e aquisição da leitura, principalmente no Pré 2 (5 anos), que é a turma que eles têm um contato mais direto com a formação das sílabas, das palavras e até início das frases, ele é um livro "pobre" e de pouco enriquecimento alfabético, uma vez que não traz as consoantes e seus padrões silábicos e textos de leitura simples”. (Professora)

O uso do livro didático parecia não interferir na rotina da turma, já que a docente priorizava como recurso principal fichas de atividades e as “tarefas” nos cadernos. Nesse sentido, a partir da resposta da docente, entendemos que o livro didático não forneceria atividades que, no entendimento dela, seriam importantes para o trabalho com a escrita na Educação Infantil, como: “*consoantes, padrões silábicos e textos de leitura simples*”.

Outra questão que nos chamou atenção nas práticas da professora foi o fato de que a maioria das atividades realizadas na classe, tanto no livro didático quanto nos cadernos e nas fichas, eram respondidas coletivamente, ou seja, as crianças, na maior parte das vezes, não respondiam sozinhas, sem a ajuda da professora, com exceção das atividades que apresentavam propostas de cópias e de escrita do nome das crianças. Isso revela que, talvez, no entendimento da professora, as crianças que ainda não sabiam ler e escrever de forma autônoma só conseguiriam realizar sozinhas apenas atividades mecânicas que envolvessem a memorização e a cópia de letras e de sílabas.

Durante as observações, ainda foi possível notar algumas reações por parte das crianças ao realizarem as atividades propostas pela professora, utilizando tanto o livro didático quanto os outros recursos (o caderno e as fichas de atividades). No caso do livro didático, utilizado em apenas um dia, não percebemos atitudes que demonstrassem cansaço ou desinteresse por parte das crianças, o que talvez tenha relação com a maneira pela qual as atividades foram encaminhadas pela professora, com brincadeiras, músicas, fantoches ou até mesmo pelo fato de que as crianças eram mais habituadas a realizar atividades nos cadernos, o que tornou o livro didático um recurso “diferente” na rotina da turma. Tal fato também pode estar relacionado ao modo pelo qual as crianças foram acostumadas a agir nos momentos da realização das atividades em sala de aula.

Já com relação ao uso dos cadernos, as reações das crianças não eram semelhantes ao que foi observado com o uso do LD, principalmente quando envolviam atividades de cópia do cabeçalho da escola. Nesses momentos, enquanto a professora escrevia no quadro, era possível observar que as crianças ficaram mais “quietas” e a sala de aula mais silenciosa,

embora algumas crianças arriscassem uma rápida conversa com os colegas. Quando isso acontecia, a professora chamava atenção para que as crianças fizessem silêncio e terminassem de copiar o que estava escrito no quadro. Quando algumas conseguiam concluir a cópia, era possível escutar um “Ufa, terminei” ou “Eu tô quase!”, expressões verbais que provavelmente demonstram certo cansaço e desinteresse em realizar atividades desse tipo.

4 Considerações Finais

Diante dos dados apresentados e de nossas interpretações, o pouco uso do livro didático, ao contrário do que ocorria com os cadernos com fichas de atividades coladas e a ficha de atividade avulsa, revela que esse recurso, possivelmente, não tenham atendido às expectativas da docente com relação às atividades propostas. Ficou evidente, por meio da análise de suas práticas, que seu objetivo era alfabetizar baseando-se em métodos mais tradicionais de ensino da leitura e escrita, em oposição à perspectiva do alfabetizar letrando (SOARES, 2011). Isso ficou explícito tanto pela forma como ela conduzia suas aulas, quanto por meio dos tipos das atividades que eram sugeridas nos cadernos das crianças.

Os dados encontrados revelam-nos que, embora o livro didático tenha sido pouco utilizado, as crianças realizaram intensivamente atividades sugeridas em outros suportes, como cadernos e fichas de atividades avulsas. Isso parece revelar indícios de que esse recurso, por si só, não é o único responsável pelo aumento de atividades com lápis e papel, embora investimentos públicos na aquisição de livros didáticos possam, de fato, contribuir para aumentar ainda mais a presença de atividades dessa natureza nas rotinas das crianças que frequentam a Educação Infantil.

Referências

ARAÚJO, L. C. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. **Revista Contemporânea de educação**, v. 12, n. 24, p. 344-361, 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F. Propostas Curriculares para a Educação Infantil: orientações sobre a alfabetização e o letramento das crianças. *In*: NOGUEIRA, A. L. H. (Org.). **Ler e escrever na infância: imaginação, linguagem e práticas culturais**. Campinas: Leitura Crítica, 2013. p. 137-159.

BRANDÃO, A. C. P.; SILVA, A. O ensino da leitura e escrita e o livro didático na Educação

Infantil. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 440-449, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e pedagógicas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático** - PNLD 2022, publicado em 21 de maio/2020. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CABRAL, A. C. S. P. **Educação Infantil**: um estudo das relações entre diferentes práticas de ensino e conhecimentos das crianças sobre a notação alfabética. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

FRADE, I. C. A. S. Métodos e metodologia de alfabetização. *In*: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. das G.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Orgs.) **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/-verbetes/metodos-e-metodologias-de-alfabetizacao>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SILVA, C. M. G. **Análise da qualidade das atividades de apropriação do sistema de escrita alfabética nos apostilados de ensino para a educação infantil**: o que dizem as professoras sobre as atividades? 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, T. T. S. **O ensino da modalidade escrita da língua no final da educação infantil**: concepções e práticas docentes. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

STEMMER, M. R. G. S. A educação infantil e a alfabetização. *In*: MARTINS, L.; ARCE, A. O. **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Alínea, 2013.